

# As findas do debate entre Meen Rodriguiz Tenoiro e Juião Bolseiro (B403bis-V14)\*

DÉBORAH GONZÁLEZ

*Universidade de Santiago de Compostela*

**RESUMO.** O debate entre Meen Rodriguiz Tenoiro e Juião Bolseiro, transmitido pelo *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (cod. 10991) e pelo *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana* (Vat. Lat. 4803), conclui com duas findas notavelmente deterioradas por erros de cópia. Por este motivo, esse texto é um dos de mais difícil edição dos cancioneiros galego-portugueses. O presente trabalho consiste na análise do excerto em questão, com o objetivo de oferecer uma leitura plausível.

*Palavras-chave:* Lírica galego-portuguesa, tenção, findas, Meen Rodriguiz Tenoiro, Juião Bolseiro.

**ABSTRACT.** The two *findas* in the *tenson* of Meen Rodriguiz Tenoiro and Juião Bolseiro, copied in the *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (Cod. 10991) and in the *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana* (Vat. Lat. 4803), are seriously damaged because of many transcription errors. The passage is view as one of the most problematic in the Galician-Portuguese Lyric. The aim of this paper is offering a new plausible reading of the text.

*Keywords:* Galician-Portuguese Lyric, *tenson*, *findas*, Meen Rodriguiz Tenoiro, Juião Bolseiro.

## 1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Há alguns anos, a Universidade de Vigo iniciou, sob a direção dos professores Bieito Arias Freixedo e Alexandre Rodríguez Guerra (2009-), um interessante projeto em rede: um *blog* dedicado à crítica textual das cantigas profanas galego-portuguesas. Neste fórum chamado *Locus Criticus*, a professora Ângela Correia (2010) apelou à

---

Data de recepción: 29.05.2014 • Data de aceptación: 21.11.2014.

\* Este trabalho colabora no desenvolvimento do projeto FFI2011-26785.

necessidade de melhorar a fixação textual das duas findas que concluem a tenção entre Juião Bolseiro e Meen Rodriguiz Tenoiro, dado que, como esta mesma investigadora explicaria posteriormente noutro lugar:

Embora o corpo do texto não ofereça grandes dificuldades de edição, as duas findas encontram-se especialmente corrompidas, o que talvez tenha resultado da deterioração material de um antecedente, na parte final do texto. Esta deturpação reflete-se nas divergências entre as edições das findas (Correia 2011: 22).

Antecipamos que a demanda não conseguiu o objetivo ambicionado, mas, contudo, foi atendida pelo professor Rip Cohen, que começava assim a sua intervenção:

Ângela Correia has chosen one of the most difficult passages in the secular lyric, one that seems impossible to edit. I would first of all suggest that this is one of many passages that makes it seem doubtful that *B* and *V* were copied from a single exemplar. There are just too many differences to reconcile with that theory (which I once believed in as doctrinal truth) (Cohen 2010 [25/01/2014]).

Com efeito, esta tenção é transmitida nos dois apógrafos quinhentistas, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (Cod. 10991), *B*, e o *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana* (Vat. Lat. 4803), *V*, mas a parte conclusiva apresenta-se notavelmente afetada pelos distintos erros de cópia tanto em *B* quanto em *V*, de tal modo que surpreende como dois testemunhos tão errados e tão diferentes neste lugar puderam sair de um mesmo modelo<sup>1</sup>.

A vontade de estabelecer uma edição do conjunto das tenções galego-portuguesas conduziu-nos a um incontornável estudo deste debate e a uma necessária reflexão sobre as possibilidades de fixação das findas. Os problemas que aqui se expõem não encontraram rápida nem fácil resposta e a dificuldade do texto manuscrito torna qualquer solução puramente conjectural. Não obstante, a partir da consideração dos usos destes copistas —que, evidentemente, não incorrem nos mesmos vícios nem defeitos—, parece possível fixar uma hipótese de leitura mais ou menos fiável.

## 2. A LOCALIZAÇÃO DO TEXTO

Esta tenção ocorre em *B* entre o f. 89v, col. *b*, e o f. 90r, col. *a*. Além da habitual numeração, que aqui se particulariza por repetir o número dado à cantiga anterior, há

<sup>1</sup> Evidentemente, não é a nossa intenção avaliar essa questão neste trabalho. Sobre a tradição manuscrita, a hipótese do antecedente comum a *B* e *V* ou a existência de dois modelos distintos,

outras duas apostilas de A. Colocci em relação a esse texto. Uma das anotações aparece na margem inferior do f. 89v: *Et nota que le tenzon fanno uno congedo per uno et per le rime infra 416*. Esta referência remete para a cantiga 416 do mesmo cancioneiro, que corresponde à tenção entre Vaasco Martiiz de Resende e Afonso Sanchez, a respeito da qual se lê: *tenzon per le rime supra 403* (na margem inferior do f. 92r). O motivo destas anotações em ambos os debates poderá dever-se ao artifício das cobras doblas e, mais concretamente no diálogo de Bolseiro e Tenoiro —onde Colocci fez alusão ao *congedo*—, provavelmente pela identidade nas rimas das malparadas findas, destacadas pelo humanista por meio de um traço vertical (prática não infrequente em *B*). Estas observações e marcas são tanto mais surpreendentes se tivermos em consideração o resultado da cópia no apógrafo *B*, que nem reflete uma correta segmentação de todos os seus versos nem é facilmente compreensível. Temos de supor então que Colocci fez estes apontamentos a partir da leitura do modelo; aliás, só assim se entende que o humanista não tenha tentado dar solução à problemática transcrição, nem tenha oferecido qualquer apostila nesta parte do texto.

Uma segunda anotação em relação ao diálogo encontra-se na margem direita do f. 89v, que chama a atenção sobre o género e a paternidade da cantiga: *questa prima tenzon de [m]een roiz supra*. Não é de todo evidente a razão que levou a Colocci a escrever «primeira», dado que esta é a única tenção que os cancioneiros recolhem com atribuição a Meen Rodriguiz Tenoiro, nem se corresponde à primeira tenção do cancioneiro *B* (mas é o primeiro debate que se acha nos fólhos do códice da Vaticana, devido à sua conhecida condição acéfala). Talvez esta apostila tenha sido escrita no momento em que o humanista remetia para a cantiga 416, e nesse momento não se lembrasse da reprodução doutras tenções em fólhos precedentes de *B*, que mesmo apresentam rubricas explicativas com atribuição aos autores (os textos são *B142* e *B144*)<sup>2</sup>. Não obstante, parece mais provável que, neste ponto, a intenção principal do humanista fosse a de salientar a paternidade de Tenoiro, autor que toma a iniciativa do debate (tenha-se em consideração que, tirando poucas exceções, as tenções galego-portuguesas se transmitem no interior dos ciclos dos trovadores que começam o diálogo).

A atribuição do texto a Tenoiro e a Bolseiro é inegável, dado que os nomes aparecem repetidamente na cantiga (pois, como é habitual nas tenções, os autores

---

consulte-se: D'Heur (1974), Ferrari (1979, 1993a, 1993b e 2010), Gonçalves (1993 e 2007), Tavani (1969: 77-179; 1988 e 2002).

<sup>2</sup> É evidente que Colocci reparou nestas cantigas e nas rubricas que as complementam; aliás de várias apostilas, desenhou uma mão indicadora ao lado de cada uma das prosas com a finalidade de chamar a atenção sobre elas (sobre esses dois textos, pode consultar-se González 2012, e em relação à *manicula* colocciana, veja-se González 2013).

apostrofam-se nos começos estróficos). Não obstante, no cancionero *B*, o diálogo ficou dentro de uma série outorgada a Afonso Fernandez Cebolhilha: no f. 89r, col. *a*, há uma rubrica que concede o texto *B397* a Tenoiro; imediatamente a continuação desta cantiga, figura o nome de Cebolhilha, de tal modo que este fica como autor de uma série encabeçada por *B398*. Outra rubrica atributiva a Cebolhilha aparece no f. 90r, col. *b*. De tal modo, segundo a distribuição das atribuições em *B*, Tenoiro seria autor de *B397* e da tenção *B403bis*, e Cebolhilha seria responsável por *B398-B403* e *B404-B405* (sequências interrompidas, precisamente, pelo debate *B403bis*). Por isto, talvez com *questa prima tenzon de [m]een roiz supra*, Colocci pôde querer salientar a paternidade de um trovador cuja rubrica atributiva ficara no f. 89r (e de aqui o *supra*).

Contudo, existem indícios suficientes que apontam para uma paternidade dos ciclos diferente daquela que oferece *B*: a cantiga anterior à tenção, *B403*, é só uma estrofe, que se identifica com a cobra inicial de uma cantiga de amigo reproduzida na secção correspondente sob a autoria de Meen Rodriguiz Tenoiro (*B718-V319*). Além disto, na *Tavola* percebe-se que houve certas complicações para dispor as referências numéricas em relação aos nomes dos autores, até ao ponto de Colocci ter utilizado signos para esclarecer a vinculação: 397 corresponde a Meen Rodriguiz Tenoiro; 404 a Afonso Fernandez Cebolhilha; 405 a Afonso Sanchez<sup>3</sup>. Encontra-se igualmente o 398 próximo ao nome de Cebolhilha, mas este ficou sem ligação explícita (lamentavelmente, pois, dada a problemática que se recolhe em *B*, acaso seria o mais merecedor de incorporar uma marca corroborativa). No cancionero vaticano, observa-se que a tenção corresponde a *V14*, transcrita a uma só coluna entre o f. 4v e o f. 5r<sup>4</sup>, e se apresenta no final do ciclo *V7-V14* (canções correspondentes a *B397-B403bis*); a respeito da autoria, o ciclo é inteiramente atribuído a Meen Rodriguiz Tenoiro<sup>5</sup>. Neste códice não houve vacilação na adscrição da série, e há mesmo várias rubricas a recordar a paternidade do trovador (sobre *V7*, no f. 2v, na margem superior do f. 3v e no f. 4v sobre a tenção). Em vista disto, podemos concluir que a tenção *B403bis* fecha a série de cantigas de Tenoiro transmitidas (não todas devidamente) na secção de amor dos apógrafos *B* e *V*, e que a rubrica a Cebolhilha escrita sobre o texto *B398* deve obedecer a um engano de Colocci.

<sup>3</sup> Mas, em *B*, a cantiga 405 aparece atribuída a Cebolhilha e a série de Afonso Sanchez começa em 406 (veja-se Gonçalves 1976: 437).

<sup>4</sup> Na margem esquerda do f. 4v, figura o número *LXXXVIIIJ*, que forma parte do sistema de referências fixadas por Colocci no códice vaticano, cujo valor não está totalmente esclarecido. Sobre este, consulte-se Monaci (1875: VII-VIII), Tavani (2002 e 2008), Ferrari (1993b e 2010).

<sup>5</sup> Em *V* transcreveu-se a seguir, como parte do diálogo, vários versos que parecem corresponder a uma cantiga de amor, mas finalmente foram riscados.

### 3. A TEMÁTICA E A ESTRUTURA DO TEXTO

O estudo do conjunto dos debates galego-portugueses transmitidos em *B* e/ou em *V* permite identificar um *talho* especialmente recorrente no género, consistente em quatro estrofes de sete versos decassílabos; aliás, com frequência, o debate conclui com duas findas de três versos decassílabos. Além disso, normalmente, os pares estróficos relacionam-se por meio do artifício das *cobras doblas*. Sem lugar para dúvida, as estrofes do diálogo entre Tenoiro e Bolseiro adaptam-se aos modelos maioritários; em concreto, consta de quatro cobras de sete versos decassílabos agudos que seguem a fórmula *abbacca*, e duas findas de três versos, que necessariamente são também decassílabos, apresentam a mesma fórmula e utilizam rimas idênticas. Na cantiga, verifica-se o emprego da técnica das *cobras doblas* e, neste caso, as rimas que se utilizaram nas findas parecem coincidir com as rimas iniciais das estrofes III e IV (*aab*), e não com as dos versos finais, como acontece amiúde nas tenções.

Na fixação do texto das findas, sendo que estas funcionam normalmente como epítome do diálogo, é imprescindível levar em consideração a temática e os argumentos que os autores empregaram nas estrofes anteriores. A este respeito, a particularidade desta tenção é que se distancia de ser paradigma de um diálogo lírico razoado, no qual os trovadores procurassem medir as suas respectivas habilidades pelo uso dos melhores argumentos. Longe dessa idealizada *joute poétique*, Tenoiro e Bolseiro estabeleceram um debate onde, aparentemente, não há mais fio argumental do que a ameaça física e a agressividade verbal, sendo observada uma atitude mais belicosa da parte de Tenoiro e mais passiva e defensiva da parte de Bolseiro —diferença que tem sido objeto de diferentes interpretações que não iremos analisar neste lugar—<sup>6</sup>.

A violência plasma-se verbalmente por meio do uso frequente de vocabulário que remete para esse campo semântico (*couces, ferir, entençon, punhada...*), destinado a enfatizar as noções de agressão e de luta, assim como o emprego de insultos

<sup>6</sup> Para Reali: «L’atmosfera, sia pure letterariamente esasperata, della tenzone ci fornisce un’immagine davvero meschina di Bolseyro, allora agli inizi del suo faticoso “iter” di poeta per professione: l’impaccio ostentato in tutta la composizione è infatti una riprova che essa fu scritta nel periodo giovanile, quando il giullare, inconsapevole delle proprie possibilità, non aveva ancora attinto dalla gioia della creazione poetica il coraggio per un “modus vivendi” più dignitoso e sereno» (Reali 1964: 16). No entanto, é pouco o que se conhece deste autor; há de ter-se em conta a informação publicada por Souto Cabo (2012), que apresenta um *Iulianus Arie, bulsarius* em possível relação ao meio catedralício compostelano já em 1240. Para Lopes, o tom da discussão fica próximo das disputas infantis e, segundo esta investigadora, «a intenção é muito mais jocosa do que agressiva. Podemos mesmo imaginar uma qualquer encenação teatral» (Lopes 2002: 326). Para Correia (2011), este texto seria uma paródia de uma tenção anterior e teria por hipotético alvo satírico a Rodriguiz Eanes de Vasconcelos.

e termos propostos com valor pejorativo (*cochon, coteife nojoso, rapaz mui mao, vilão...*).

#### 4. ANTERIORES LEITURAS DAS FINDAS

Antes de apresentar as principais leituras das findas, é imperioso reproduzir o trecho em *B* e em *V*, de tal forma que o leitor estará em posição de julgar a pluralidade existente e, igualmente, permitirá uma melhor avaliação das explicações que exporemos mais adiante.

*Cancioneiro da Biblioteca Nacional*

Juyão pois q' eu filhar  
pede' cabi' liz' e q' castigare, a q'  
de' couces te posserey

Deã rroz' semen q' q'jar  
eu seme fano ou seme q'ostar  
ay trovador ja' vus no' amarei

B403bis (f. 90r, col. a)

*Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*

Juyão pois q' eu filhar.  
pede' cabi' liz' e q' castigare q'  
dos couces te posserey

Meen spovs so meu t'pos dar  
ou seme fano ou seme q'ostar  
ay trovador ja' vus no' amarei

V14 (f. 5r)

Como se pode observar, tanto em *B* como em *V*, o texto das findas aparece gravemente alterado pelos erros de cópia e deduz-se que os respetivos copistas encararam um modelo que se caracterizaria neste lugar por uma difícil legibilidade. A complicação recolhida nos manuscritos reflete-se na diversidade de propostas conjecturais que obteve a parte final da composição.

Michaëlis 453 (1990, I: 879):

–Juyão, pois, te quer[*o*] eu filhar  
pelos cabelos, e quer' arrastar;  
e que dos couces te pes [*eu farei*].

–Meen Rodriguiz, se m'eu respons(?) dar,  
ou se me cal(o), ou se vus dēostar',  
ay trovador, ja' vus non amarei.

Apesar da usual excelência que caracteriza as propostas da editora alemã, para esta composição só contou com o testemunho de *V* e a leitura não pode ser qualificada de satisfatória, pois mesmo praticou emendas em lugares que, graças ao cotejo entre os testemunhos, podem considerar-se mais ou menos fiáveis: por exemplo, são inadequadas as correções *quer[o]* e *quer'* no primeiro e no segundo verso, o verbo *fano* na segunda finda foi corrigido a *cal(o)* e a emenda à forma verbal *amarei* é injustificável no contexto. A mesma Michaëlis reconhecia: «É de esperar que da indispensável collação com o **CB** resulte um texto menos deturpado. As findas principalmente necessitam emendas» (Michaëlis 1990, I: 878).

Machado-Machado 346 (1950: 206):

–Iuyão, pois quer t eu filhar  
pelos cabelos e quer t arrastrar  
e a grandes couces te possetrerey.

–Meen Rrodriguiz, se m' eu trosquiar,  
ou se me fino ou se me crestar,  
ay trouador, ia uos non trouarey.

Estes editores reproduziram a leitura de Michaëllis e, ademais, a do códice vaticano de Braga:

–Juyão poys quer' eu filhar  
pelos cabellos, e quer' arrastrar  
a quem dos couces te pez' que entençey.

–Meem Roiz, se m' eu repostar  
ou se me salvo ou se me quero estar,  
ay tunador, já ves, nunca mays a direi (Braga 1878: 3).

O texto fixado pelos Machado —que levaram em consideração o de Michaëlis e também as observações de H. Lang a propósito de *respons(?)*, recolhidas na sua recensão à edição do *Cancioneiro da Ajuda* (Lang 1908: 396-397)— não chega a ser satisfatório. Ademais das complicações para editar o v. 3, a finda I inclui emendas que se estimam desnecessárias. Contudo, a finda II oferece alguma melhora em relação ao texto da editora alemã, especialmente nos vv. 1 e 2.

Reali I (1964: 11):

Juyão, pois que t'eu filhar  
pelos cabelos, e que t'arrastrar,  
que dos couces te pês eu creerey.

Meen Rodríguez, se m'eu trosquiar,  
ou se me fano, ou se me crestar,  
ay trovador, já vos non torvarey.

Reali estabeleceu uma hipótese de leitura algo mais fiável e menos discutível que a de Michaëlis, ao poder dispor dos dois testemunhos. O primeiro verso tem base nos manuscritos —que se define por ser o menos problemático, mas hipómetro, e assim o reproduziu Reali—, e igualmente o v. 2 é mais acertado que o dos editores anteriores (graças à identificação da conjunção *que*, nos vv. 1 e 2). Sem dúvida, mais questionável é a leitura do último verso de cada uma das findas: principalmente o v. 3 da finda I, que apresenta uma estrutura um tanto forçada (quase tanto como o seu sentido). Por esta razão, discrepamos abertamente do sintagma que a editora propôs.

Lapa 302 (1995: 198):

–Juião, pois que t' eu [for] filhar  
pelos cabelos e que t' arrastrar,  
que dos couces te pês eu creerei.

–Meen Rodríguez, se m' eu trosquiar,  
ou se me fano, ou se m' en trescar,  
ai, trobador, já vos non travarei.

Lapa reconhecia que: «O final da tenção não apresenta um texto muito claro, e a nossa interpretação, encostada o mais possível à letra dos apógrafos, é um pouco conjectural» (Lapa 1995: 197). O professor português tratou de dar solução ao problema métrico do v. 1 mediante a integração da forma verbal *for*, dando lugar a uma perífrase verbal neste verso, *for filhar*, e que se deve subentender no verso seguinte, (*for*) *arrastrar*. A hipótese não convence; o feito de poder interpretar *filhar* e *arrastrar* como futuros de conjuntivo faz duvidosa uma correção desse calibre.

Por outra parte, o v. 3 da finda I identifica-se com o de Reali, igual que a parte final do v. 1 da finda II. No segundo verso desta finda II, Lapa defendeu uma forma *trescar*, que interpretou como 'sofrer pisaduras' (Lapa 1970: *s.v. trescar*); mas a expressão apenas se encontra nesta cantiga, pelo qual não parece uma proposta plenamente satisfatória.

Silva 3 (1993: 171):

–Juião, pois que t' eu filhar  
pelos cabelos e que t' arrastrar  
o que dos couces te pe[n]se creerei.

–Meen Rodríguez, se m' eu trosquiar  
ou se me fano ou se me crestar  
ai, travador, já vos non travarei.

Este autor de uma edição das tenções galego-portuguesas (trabalho de mestrado que lamentavelmente ficou inédito) apresentou um primeiro verso da finda I sem contemplar restituições, já que, para ele, a sílaba carente poderia encher-se com uma pausa métrica depois do vocativo. Do meu ponto de vista, o grande acerto deste editor, respeito dos textos dos editores anteriormente comentados, consistiu na identificação da expressão *travador* no último verso e a expressão em rima *travarei*, pois, como se exporá, obedece mais fielmente ao que parece recolher-se nos manuscritos. Apesar desta notável melhora, ainda ficaram dúvidas, especialmente em relação ao v. 3 da finda I.

Lopes 267 (2002: 327)<sup>7</sup>

–Juião, pois que t'[or'] eu filhar  
pelos cabelos e que t'arrastrar,  
ah que dez couces te presentarei!

–Meem Rodríguez, se m'eu trosquiar,  
ou se me fano, ou se m'encostar,  
ai, trobador, já vos nom tornarei!

Do mesmo modo que intencionara Lapa, esta editora tentou de dar resposta ao problema métrico do v. 1 da finda I. Para o v. 3, procurou um sentido contextual a partir das erradas lições de *B* e *V*, que não chega a ser totalmente satisfatória. Sobre este verso, G. Videira Lopes explicava: «Verso de leitura muito difícil nos mss., pelo que a sua reconstituição será sempre conjectural. No que respeita a *dez couces*, também seria possível ler *do[u]s* em vez de *dez*; é uma questão de número de *couces* que parecem diferir nos dois mss.» (Lopes 2002: 327, nota ao v. 31). Em relação aos vv. 2 e 3 da segunda finda, do meu ponto de vista, a hipótese supõe um retrocesso respeito da leitura de Silva.

<sup>7</sup> A mesma proposta recolhe-se em *CMGP* [25/01/2014], unicamente diferenciada no primeiro verso da finda I: *Juião, pois que t'eu [ora] filhar*. Do ponto de vista métrico não é aceitável a integração de uma partícula dissilábica.

## 5. A NOSSA LEITURA DAS FINDAS

O estudo da composição e da cópia nos testemunhos permite estabelecer uma nova leitura (hipotética, mas plausível) destas duas findas, correspondentes aos vv. 29-34 da cantiga. Passarei a analisar, verso a verso, a pertinência da minha proposta (o texto completo do debate oferece-se no apartado 6), apresentando a transcrição de cada uma das linhas de texto em *B* e *V*, para, a partir daí, tentar oferecer explicação aos distintos problemas e erros de cópia.

### 5.1. Linha 1

***B*: Iuy'as pois q̄ ceu filhar**

***V*: Jup'ao pois q̄ teu filhar**

**Verso 29: –Juião, [e] pois que t'eu filhar**

Apesar da desordem gráfica que apresentam os códices para as findas, são reconhecíveis elementos comuns. Entre estes, a coincidência mais evidente oferece-se neste primeiro verso da finda I. Não obstante, aprecia-se um erro na transcrição do antropónimo: *Iuy'as* em *B* e *Jup'ao* em *V*, e que de forma bastante simples pode ser reconduzido para *Juyão*. Como hipótese, a inclusão de uma abreviatura errada pôde derivar de uma má interpretação de um til de nasalidade (<ã>), ou talvez por influência da inicial presença de plica ou ponto sobre o <y> (pois no *incipit* de *B403bis* aparece <Iuy'ão>, com um erro afim mas com a correta marca de nasalidade sobre a vogal correspondente). O signo na cópia de *B* não se estima equivalente a um ponto ou a uma plica (<ÿ> / <ý>), como acontece no último verso da segunda finda (em <ay>); neste primeiro verso da finda I, julgamos que a marca se aproxima sobretudo à abreviatura normalmente equivalente a vogal+r / r+vogal. Confronte-se o traço incluído no nome do autor no *incipit* da tenção e neste verso:

 (v. 1, estrofe I);  (v. 1, finda I);

com o traço que corresponde a uma abreviatura:

 (f. 89v, col. a);  (f. 89v, col. a);  (f. 90r, col. b);  (f. 90r, col. b);

e com os seguintes exemplos tirados do mesmo texto:

 (v. 1, estrofe II);  (v. 5, estrofe II);  (v. 3, finda II).

Outro erro bastante habitual —e que se reencontrará na cópia destas findas— regista-se em *B*: a grafia <c> por <t> de *ceu* em lugar de *teu*, o qual figura em *V* com exatidão.

A facilidade para fixar a leitura *Juião, pois que t'eu filhar* encontra objeções no plano métrico por falta de uma sílaba (se aceitarmos que o antropónimo computa quatro sílabas, como normalmente, e não três, como excepcionalmente acontece no *incipit* deste texto). No referido *Locus Criticus*, Cohen (2010) sugeriu a introdução da partícula adverbial *ar* («*Juião, pois que t'eu [ar] filhar*»), com a qual se daria um matiz de repetição à ação verbal. Mesmo se a proposta é aceitável, na nossa leitura do texto damos prioridade a outra hipótese: *Juião, [e] pois que t'eu filhar*, pois a presença de um conector *e* não é desconhecido como reforço precedendo à conjunção *pois que*<sup>8</sup>, que neste contexto pode entender-se com o valor temporal ‘depois que’, ‘quando’.

## 5.2. Linha 2

**B:** *pedes tabe lez r̄q̄ caffastrare a q̄*

**V:** *palos tabelam τ q̄ tasfastrara q̄*

**Verso 30:** **pelos cabelos e que t'arrastrar,**

Tendo em vista da leitura fixada para o verso anterior, é evidente a necessidade da emenda *pelos cabelos*. Porém, a forma da preposição não deixa de ser conjectural, a partir da expressão *pedes* recolhida em *B* e ante a inadequação vocálica em *V*, *palos*. Seria possível notar a confluência doutro erro: <e> em *B* e <a> em *V* a partir de um <o> no modelo, o que nos levaria a aceitar como plausível o alomorfe *polos*. Sem ir mais longe, este tipo de confusão gráfica é a que se regista na parte final da palavra seguinte, *tabe lez* em *B* e *tabelam* em *V*. Contudo, esta conjectura é menos económica, razão pela qual damos prioridade a *pelos*.

No substantivo *cabelos*, os dois copistas coincidiram a transcrever um <t> por <c> (erro frequentíssimo nos dois cancioneiros), que, neste caso, podia estar já contido no suposto antecedente comum. Mais insólita pode parecer a grafia final em *V*: um <m>, onde *B* apresenta <z>; porém, encontramos este erro noutra parte do mesmo texto: no v. 12, *assaz* foi escrito *assam* no códice vaticano, e Monaci recolheu outros casos desta mesma natureza (Monaci 1875: XXVIII).

A continuação, a lição de *V* aparece com correção frente à de *B*, pois o copista *d* (seguindo a identificação e a nomenclatura da Professora A. Ferrari 1979; veja-se a página 111 em relação a este fascículo) deve ter confundido o símbolo  $\tau$ , equivalente à conjunção copulativa *e*, com um *r*. É esse nexos o que permite uma ligação

<sup>8</sup> A modo de exemplo, os versos da *MedDB2* [04/02/2014]: *E pois que o meu amigo souber / que lh' esto farei, non atenderá* 63,48, vv. 7-8; *E pois que lh' esto feit' ouver', / outro conselho á i d' aver* 78,20, vv. 8-9; *e pois que lh' o der, / non diga el que lh' o nulh' omen deu* 97,2, vv. 23-24; *E pois que Deus non quer que me valhades* 97,40, v. 22.

sintática entre *t'eu filhar* (no verso anterior) e *t'arrastrar*. Este último verbo, atendendo à métrica e ao esquema de rimas, deve ocupar a posição de rima no v. 2; na transcrição deste houve um erro, comum a *B* e *V* (e em consequência, poderia estar já contemplado no antecedente), de *rr* (ou talvez do alografema <rr>) por *ss* (mais exatamente, corresponde a <ʃʃ> em *B* e <sʃ> em *V*). Este não é um tipo de confusão desconhecida: por exemplo, no v. 27 do texto *B1221-V886*, que é um debate entre Joan Baveca e Pedr' Amigo de Sevilha, os apógrafos oferecem *pode ssar* (*B*) e *pode ffar* (*V*) por *pod'errar*. Como veremos, também é conjecturável o mesmo tipo de falta no verso seguinte.

Por último, é importante ter em conta que os apógrafos não acolhem uma segmentação correta do verso e a sequência de *B* e de *V* que se deve estimar pertencente ao verso subsequente não coincide com completa exatidão nos apógrafos.

### 5.3. Linha 3

***B: des couces te possfetrerey***

***V: dos cougas te pesfegēgey***

**Verso 31: aqueles couces te porregerei!**

Com certeza, do ponto de vista ecdótico, este é o verso mais complexo da cantiga, não só pela obscuridade das distintas lições de *B* e *V*, mas também pela dificuldade para identificar uma expressão em rima que, de acordo com a hipótese que defendemos, tem a particularidade de estar pouco documentada na língua galego-portuguesa.

Em primeiro lugar, para considerarmos o verso completo, a esta linha de texto devem adicionar-se as grafias finais transcritas na linha anterior. De tal forma, poderemos estimar *e a q̄ des couces te possfetrerey* em *B*, *a q̄ dos cougas te pesfegēgey* em *V*. Mesmo se as lições dos testemunhos estão muito estropiadas, é evidente que há uma sílaba de diferença, dado que *B* incorpora, aparentemente, uma conjunção copulativa (ausente em *V*). Um inicial cômputo silábico permite advertir que este suposto nexa não se adequa à medida do verso e, no caso de termos em consideração a estrutura gramatical, a ocorrência de uma conjunção copulativa no encabeçamento deste enunciado não parece correta. Por estes motivos, podemos julgar que, aqui, *V* reflete uma relativa «maior correção» do que *B*.

A exatidão de *B* no substantivo *couces* é indiscutível, tanto mais quando, na terceira cobra da composição, Tenoiro já ameaçava a Bolseiro com *muitos couces dar / na garganta* (vv. 18-19). Por tanto, aceitamos que *V* se particulariza por uma alteração, devido a que o copista transcreveu <ga> onde talvez corresponderia <çe>.

A incorporação do substantivo nesta parte do discurso, quando já os *couces* foram anteriormente evocados, faz possível e precisa a determinação mediante uma partícula que, no caso de termos em conta as grafias repartidas entre as linhas de escritura 2 e 3 (*a q̄ des B / a q̄ dos V*), poderia identificar-se com um adjetivo demonstrativo: *aqueles couces*.

Finalmente, este verso da finda particulariza-se por um rimante em *-ei*, que faz eco de uma das rimas das estrofes (*farei, darei*, na cobra III, e *direi, chamarei*, na cobra IV). O maior obstáculo, que se reflete nas múltiplas e muito diferentes leituras propostas para este verso, consiste fundamentalmente em determinar qual seria a palavra ou sintagma que se encontraria detrás de *te poſſetrerey* em *B* e *te pesfegēgey* em *V*. A importância é maior do ponto de vista semântico e gramatical por quanto deve conter o verbo principal da finda e que, á vista da terminação morfológica, poderia ser uma P1 do futuro de indicativo; aliás, este tempo parece coerente na estimação de dois verbos subordinados em futuro de conjuntivo e, no esquema de rimas, resulta correto. Tendo isto em consideração, na nossa leitura propomos como sintagma mais plausível *te porregerei*, que julgamos adequado do ponto de vista semântico, métrico e da rima.

Do ponto de vista paleográfico, as lições erradas de *B* e de *V* poderiam encontrar certa justificação numa lição do modelo já caracterizada por conter problemas gráficos; talvez este já recolhia uma alteração do dígrafo *rr* (ou <rr>) por *ss* (ou <ſſ>), pois *B* apresenta <ſſ> e *V* <ſſ>, ou a forma do dígrafo no antecedente era suficientemente confusa como para que os respectivos copistas de *B* e *V* incorressem no mesmo erro. Como hipótese, em *poſſetrerey*, *B* incorporaria tal alteração e copiaria <tr> onde corresponderia um <g> (e que *V* oferece sem dúvidas); em *pesfegēgey*, além da presença do <ſſ>, o copista de *V* reproduziu <e> em lugar de <o> na primeira sílaba e mudou a <g> o <r> da sílaba final (que parecem corretamente em *B*).

O verbo *porreger* não se registra com frequência nos textos medievais galegos, mas foi documentado numa ocasião por Mettmann (1972: s.v. *porreger* [29/07/2013]) nas *Cantigas de Santa Maria*, com o sentido ‘estender’:

Quand’ o moç’ esta vison  
vyu, tan muito lle prazia,  
que por fillar seu quinnon  
ant’ os outros se metia.  
Santa Maria enton  
a mão lle porregia,  
e deu-lle tal comuyon  
que foi mais doce ca mel.

*A Madre do que livrou...* (Mettmann 1986-1989, I: 64; CSM4, vv. 43-51).

Outra documentación da palabra em galego-português recolle-se num testamento editado por A. López Ferreiro:

Sps. et todos los outros que oyren leer este testamento Rogo et peço que por enxemplo daquel que ffoy posto enna cruz Rogou por los seus perseguidores que me perdoen a min todas las murmurações blasfemias et mais parauoas que deles dixen et fixe et oy tan ben en ascondido como en publico et porregi os ollos et as orelas et a uoontade para oyr et consentir en elo (López Ferreiro [1901] [04/08/2014]).

Para a expresión *porregerei* considerada na tenção entre Meen Rodriguiz Tenoiro e Juião Bolseiro estima-se o significado ‘oferecer’, ‘apresentar’, ‘dar’, de acordo com o valor do verbo latino *PORRIGO*, *-ĒRE* ‘estender’, ‘estirar’, ‘tender’ ou ‘oferecer’ (Gaffiot 1934: *s.v. porrigo*), o qual deixou derivados também noutras línguas românicas<sup>9</sup>.

Em conclusão, este verso da tenção fica equivalente a ‘aqueles couces te darei’. O enunciado resulta coerente do ponto de vista gramatical e, do ponto de vista métrico e semântico, é completamente adequado ao contexto (pois, na estrofe III, o trovador já anunciara as ameaças *ũa punhada grande te darei, / des i quer[r]jei-te muitos couces dar / na garganta por te ferir peor*, vv. 17-19).

#### 5.4. Linha 4

**B:** *Meã rroĩz semen t̃foſq'ar*

**V:** *Mene spõiz so meu tpõs dar*

**Verso 32:** –**Meen Rodriguiz, se m'eu trosquiar,**

Apesar dos erros de transcrição, a fixação de uma leitura é, neste verso, relativamente fácil. No início é reconhecível o vocativo ao trovador *Meen Rodriguiz*.

<sup>9</sup> Como no antigo francês *porriger* (Godefroy 1889: *s.v. porriger*), no italiano *porgere*, ou no provençal *pourgi* ‘apresentar’, ‘oferecer’, ‘avançar’, ‘fazer passar’ (Fourvières 1902: *s.v. pourgèire, erello*). Ademais, *apurrir* ou *purrrir* continua a se utilizar no asturiano com o sentido de ‘alcançar algo e dá-lo a alguém’ (Acevedo Huelves-Fernández y Fernández 1932 [03/02/2014]: *s.v. purrrir*; *DRAE* [03/02/2014]: *s.v. apurrir*), e no galego *apurrir* está documentado com o valor ‘porfiar com alguém para que coma’, segundo C. García (1985: *s.v. apurrir* [04/08/2014]). Corominas e Pascual registaram *apurrar* ‘irritar’ como variante de *apurrir* e, respeito da forma dialetal *emburriar*, explicaram: «Es evidentemente inseparable del port. *empurrar* ‘empujar’ (ya Moraes), que además significa ‘dar o hacer tomar (algo) a la fuerza’; creo que esta última es la ac. etimológica [...] Creo, pues, que se tratará de un metaplasmo de *apurrir* *PORRĪGĒRE* ‘alargar, ofrecer’, de donde *\*empurreir* (presente *\*empurrie*) y de ahí *empurriar* > *empurrar*. [...] En el mismo sentido nos orienta el salm. de Vitigudino *empurrar* ‘dar con prodigalidad’, ‘derrochar’ (Lamano). Del sentido de ‘dar a la fuerza, imponer’ vendrá el de «enviscar (=azuzar, provocar)».

O cancionero *B* acolhe outra alteração gráfica no verso: *en* em lugar de *eu*; mas, neste contexto, só se estima correto o pronome pessoal sujeito. A lição de *V* caracteriza-se, no entanto, por uma deturpação maior que afecta à forma verbal que se localiza em posição de rima, ao modificar <tr> (ou talvez <tʀ> no modelo) em <tp>, e <qʲ> (tomando como referência *B*) em <d>. O rimante *troscuiar* segue proximamente à lição de *B* e tem pleno sentido no contexto. O verbo figura em vários dicionários do galego moderno (Rodríguez González 1958-1961; Franco Grande 1972: s.v. *troscuiar* [04/09/2014]), paralelamente à forma *tosquiar*, ‘rapar o cabelo’, ‘cortar o pelo ou a lã dos animais’. *Troscuiar* não é desconhecido nos textos literários; regista-se, por exemplo, numa cantiga de escarnio de Alfonso X:

Vi coteifes orpelados  
 estar mui mal espantados,  
 e genetes trosquiados  
 corrian-nos arredor;  
 tiinhan-nos mal aficados,  
 ca perdian na color (*MedDB* [04/02/2014]; 18,28, cobra II).

Documenta-se, igualmente, numa cantiga satírica de Martin Soares:

E pois a dona Caralhote viu  
 antre sas mãos, ouv’ en gran sabor  
 e diss’ esto: –O falso treedor  
 que m’ ogano desonrou e feriu  
 praz-me con el, pero trégoa lhi dei,  
 que o non mate; mas troscuiá-l’-ei  
 come quen troscuia falso treedor (*MedDB* [04/02/2014]; 97,44, cobra II).

Nas *CSM* (Mettmann 1972 [10/02/2013]: s.v. *troscuiar*), é usado em relação a animais: *ao troscuiar das ovellas* ou *sa ovella troscuiou*; mas também para pessoas: *dar-ch-á i conselho un fol troscuiado*. Também se encontra na *Cronica troiana*, onde reaparece em relação ao conceito de ‘loucura’<sup>10</sup>: *louco he a quen louco troscuia* (Parker 1958 [10/02/2013]: s.v. *troscuiar*).

---

que se halla en el Bierzo y es el que tienen *apurrar* y *empurrar* en Galicia (‘azuzar, irritar, exasperar’, Vall.)» (Corominas-Pascual 1980-1991: s.v. *emburriar*).

<sup>10</sup> Não entraremos a explicar a relação entre a tonsura e a loucura ou a traição. Sobre este tema, pode consultar-se Fritz (1992), Heers (1983: 144) e, recolhendo outros exemplos de *troscuiar* e outras variantes, Tilander (1959).

## 5.5. Linha 5

**B:** ou *feme fano* ou *feme c<sup>a</sup>rostar*

**V:** ou *fome fano* ou *feme q<sup>o</sup>star*

**Verso 33:** ou se me fano, ou se me crastar,

Este verso não apresenta graves problemas de edição, mas é indispensável emendar a palavra em rima. O testemunho de *B* permite uma correção fácil (advertimos que, em *c<sup>a</sup>rostar*, a representação da abreviatura é convencional), mas em *V* figura *q<sup>o</sup>star*, pelo que <cr> (ou talvez <cr̄>) teria sido confundido com <q>, acrescentando a marca de abreviação. A partir da observação das variantes, devemos supor que o antecedente oferecia aqui uma lição já errada, consistente na reprodução da abreviatura e, ao mesmo tempo, a transcrição da sílaba completa, mas de forma incorreta, dado que o verbo não obedecerá a «crostar» mas a *crastar*.

A parte final do verso recebeu diferentes leituras: Michaëlis deu prioridade a *dēostar*. Como foi exposto, Lapa fixou um sintagma consistente em *m'en trescar*, definido como 'sofrer pisaduras'. Lopes propôs o verbo *m'encostar*, entendido como 'morrer'. Os Machado, Reali e Silva coincidiram em *crestar*, que é uma variante hipotética possível. Porém, em vista da abreviatura em *B* e de ser a forma *crastar* muito mais frequente que *crestar* ('castrar', a partir do latim CASTRĀRE), segundo se conclui dos exemplos apresentados por R. Lorenzo (1977 [04/08/2014]: s.v. *crastar*) e das ocorrências que se recolhem no *Corpus Xelmírez* (04/08/2014)<sup>11</sup>, esta será a forma preferida no texto.

Por último, os testemunhos autorizam a forma verbal *fano*, já adoptada por uma parte dos editores anteriores (Reali, Lapa, Silva e Lopes). Desde o ponto de vista semântico, *fanar* equivalia, em geral, a 'mutilar', 'cortar unha parte do corpo', valores ainda vigentes hoje; de tal modo, *se me fano* significará 'se fico mutilado'. Esta parece ser a única ocorrência de *fanar* no conjunto da lírica profana, mas reaparece na produção religiosa, também num contexto de agressão física:

Sobr'esto muitos chrischãos | foron mui mal açoutados  
e outros a paancadas | os costados ben britados,  
e ar outros das orellas | porende foron fanados (Mettmann 1986-1989, III: 161; CSM328, vv. 55-57).

<sup>11</sup> Em realidade, no *Corpus Xelmírez* [05/09/2014], só encontramos algumas ocorrências de *crastar* e nenhuma de *crestar*.

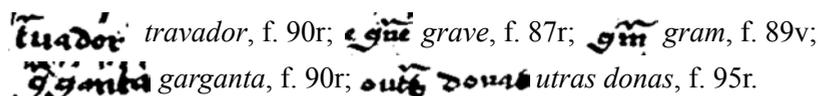
## 5.6. Linha 6

**B:** ay t<sup>u</sup>ador iaue9 nō tarue'y

**V:** ay tūador imes nō tamoy adiz<sup>2</sup>

**Verso 34:** ai, travador, ja vos non travarei!

É a segunda parte do verso a que oferece maiores dificuldades. Não obstante, as edições críticas consultadas mostram uma grande hesitação em relação ao substantivo que se encontra no começo do verso, *travador*, o qual se dispõe, tanto em *B* como em *V*, sem erros de cópia. Todos os editores, à exceção de Silva (que deu prioridade a *travador*), modificaram a expressão a *trovador* ou mesmo a *trobador* (dado que, nos cancioneiros galego-portugueses, este termo figura escrito normalmente com <b> e não com <v>), mas estas formas não respondem à lição de *B* (pode duvidar-se em *V*, devido à abreviatura geral utilizada pelo copista). A abreviatura que figura na representação da variante em *B* (que de forma convencional represento como <^>), encontra-se comumente no Colocci-Brancuti com o valor *ar/ra*<sup>12</sup>. Compare-se este caso com vários exemplos tirados do mesmo fólio ou de fólhos próximos do cancionero:

 *tuador* *travador*, f. 90r; *gñe* *grave*, f. 87r; *gm* *gram*, f. 89v;  
*gãntã* *garganta*, f. 90r; *outã donas* *outras donas*, f. 95r.

Como se pode calcular, os registos deste signo são numerosíssimos ao longo de *B*. No entanto, não podemos oferecer outros exemplos da abreviatura utilizada em *travador* no interior dos apógrafos. A procura deste substantivo nas duas bases de dados da lírica profana galego-portuguesa evidencia que nem sequer se documenta a forma: isto porque na *MedDB2* se adotou a edição de G. Videira Lopes (2002) para este texto —que, lembremos, emendou o verso a *ai, trobador, já vos nom tornarei!*—, e esta mesma leitura é a que se reproduz na base de dados *CMGP* [25/01/2014].

Porém, a falta de documentações no corpus lírico não deve fazer obstar a possível adequação e correção do substantivo. De facto, a expressão está documentada por R. Lorenzo: *luitador e travador de grandes ligeirices* (Lorenzo 1968 [02/02/2014]: s.v. *travador*). Também se encontra no castelhano, no *Libro de las formas y de las ymágenes* (1279) de Alfonso X: *pora seer pobre lazrado traugador & sofridor* (Sánchez-

<sup>12</sup> Mas não parece ter o valor *or/ro*. Em concreto, para a palavra *trobador*, encontrei poucos casos com a sílaba inicial parcialmente abreviada no cancionero *B*. Em todos eles, a abreviatura corresponde a <^> (que se apresenta normalmente nos cancioneiros com valor *ro* ou *or*): na tenção entre Coelho e Bolseiro (*B1181-V786*) regista-se *t<sup>o</sup>badores* em *B* e *V* (v. 10), aliás de *t<sup>o</sup>bador* em *V* (v. 23). Também a forma *t<sup>o</sup>bador* em *V597* (v. 11). Reaparece a abreviatura, ainda que mal situada, em *B1573*: *faz t<sup>o</sup>bador* (v. 12).

-Prieto Borja 2003 [02/02/2014]). No texto da tenção, pode observar-se como um correto derivado de *travar*, verbo que se documenta com relativa frequência nas cantigas religiosas e profanas (nomeadamente, em tenções e sátiras de tema literário) com o sentido ‘reprender’, ‘dizer mal’, ‘censurar’, ‘pegar’ (Nunes 1928; Mettmann 1972; Lapa 1970: *s.v. travar* [02/02/2014]). Reconhecemos que as expressões com o verbo *travar* ocorrem principalmente em composições de tema escarninho estabelecendo um jogo léxico baseado na paronomásia com formas como *trobar* e *trobador* (é possível que isto pesasse nas leituras dos editores nesta tenção); sirvam como exemplos os seguintes enunciados tirados doutras cantigas galego-portuguesas: *E outro trobador ar quis travar / en ùa cobra* (MedDB2 [04/02/2014]: 2,22 vv. 8-9); *mays lus trobadores travar-vos-an* (60,5 v. 26); *que trobastes sempre d’ amor por mi / e ora vejo que vus travam hy* (64,5 vv. 2-3); *ca no vosso trobar sei-m’ eu com’ é: / i á de correger, per bõa fe, / máis que nos meus, en que m’ ides travar* (70,28 vv. 26-28); *E pois vos assy travam en trobar, / de vos julgar, senhor, non me coitedes* (88,13 vv. 13-14); *de vós porque m’ ides sempre travar / en meus cantares, ca ssey ben trobar* (88,14 vv. 2-3)<sup>13</sup>.

Embora não se registem outras ocorrências de *travador* no corpus profano, é possível ter em consideração a representação que adopta o verbo *travar*. Contudo, nas ocorrências que se encontram mediante uma pesquisa nas bases de dados da lírica profana, observa-se que o uso da abreviatura nesta expressão é pouco usual. Normalmente, a sílaba inicial aparece transcrita ao completo, razão pela qual só podemos chamar a atenção sobre a cópia de um texto: a tenção que mantêm o trovador Joan Garcia de Guilhade e o jogral Lourenço, *B1493-V1104* (v. 28). A abreviatura empregada pelo copista *d* em *travador-B403bis* pode julgar-se afim à utilizada pelo copista *a* em *B1493* (f. 312v, col. *b*), no infinitivo *ẽq̄mides t’uar* (em *V* a abreviatura adoptou outra forma, um traço que represento como *enq̄mides t’uar*)<sup>14</sup>:

*ẽq̄mides t’uar* (em *B1493*)

<sup>13</sup> O destacado uso de *travar* em composições satíricas foi já constatado por C. Michaëlis, que explicava a presença da expressão em «ataques verbais a poetas com os quais se começa uma disputa, questionando a sua habilidade, apresentado objecções, descobrindo faltas, enfim, pondo-lhes ‘escandalosos’ obstáculos no caminho. [...] Poder-se-ia traduzir *travar em alg. c. ou em alg.* por ‘levantar falso testemunho contra’; *travar com alg.* ‘começar disputa com alguém’. Sinónimos são *cometer* = atacar 868, 556, 155, *desfazer* = contestar CV 823, 1117, que também aparece nas cantigas das amas, e *desloar* CV 1104. O contrário é *emparar* = tomar a defesa de algo (CV 1117, e no nosso verso 117); se o poeta se defende a si mesmo a palavra de moda é *defender* CV 868» (Michaëlis 2004: 102-103).

<sup>14</sup> Desestimo na valoração a abreviatura localizada no v. 5 de *B1585-V1117*, já que em *B* há um erro de cópia; em *V1117* há uma abreviatura afim à utilizada em *V1104* (a já referida tenção entre Guilhade e Lourenço).

Levando em consideração o que foi exposto, julgamos correta a lição de *B* e *V* no caso do substantivo *travador*, que equivale a ‘maldizente’ ou ‘pegador’, e, em vista do contexto, talvez seria admissível um jogo semântico a partir do valor ‘pegar’ que regista o verbo *travar*. A ocorrência do substantivo pode pôr-se em relação com a presença do verbo correspondente na parte final do verso, onde *B* e *V* oferecem, neste caso sim, diversos erros de cópia: *iaue9 nō tarue’y* em *B*, *imes nō tamoy* em *V*. A necessidade de oferecer uma palavra de rima *-ei* (em associação com *porregerei*), favorece a ideia de um futuro *travarei*, não excessivamente afastado da lição de *B*: neste manuscrito, a sequência <ar> explica-se por um erro de cópia por metátese das grafias ou por um desenvolvimento errado de uma abreviatura com valor *ar/ra*. O problema devia reproduzir-se já no modelo, onde talvez a legibilidade era dificultosa, dado que *V* apresenta <aṁ>, onde *B* oferece <aru>. A marca de abreviatura que completa a parte final do verbo fica em *B* ligeiramente deslocada em <ue’y>, pois corresponderia <u’ey>.

*Travar* é plenamente congruente no contexto, pois, como já se explicou, o verbo ocorre com frequência em textos satíricos de tema literário. Como ficou dito, os autores deste diálogo recorreram às ameaças e aos insultos, mas, desde o início da cantiga, é óbvio o jogo semântico criado a partir do uso equívoco de *entençar* e *entençon*, que podem fazer menção tanto a uma briga física como a uma justa poética. Em consequência, do ponto de vista paleográfico e semântico, *travarei* julga-se mais acertado do que *amarei*, *torvarei* ou *tornarei*, propostas por Michaëlis, Realí e Lopes, respetivamente.

## 6. EDIÇÃO CRÍTICA DO TEXTO

A finalidade deste trabalho foi mostrar não apenas a possibilidade de editar as findas, mas principalmente a de tentar estabelecer uma leitura o mais fiável possível, baseada nos testemunhos e no trabalho dos amanuenses dos apógrafos *B* e *V*, manejando uma série de hipóteses sobre a ocorrência de alterações e entendendo que estas se teriam cometido pelo estado já defeituoso do modelo, talvez muito deturpado pela inclusão de erros ou mesmo pela escassa legibilidade<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> Para a fixação do texto, seguimos essencialmente os critérios reproduzidos em Ferreiro-Martínez Pereiro-Tato Fontaiña (2007). No aparato crítico, as variantes significativas e gráficas distribuíram-se em duas franjas. Utilizamos o ponto (.) —que non se apresenta no aparato crítico com outro valor— para delimitar as distintas variantes no interior de um mesmo verso.

B403bis, f. 89v, col. *b* – f. 90r, col. *a*  
 V14, f. 4v – f. 5r

- Juião, quero contigo fazer,  
 se tu quiseres, ãa entençon;  
 e quer[r]lei-te, na primeira razon,  
 ãa punhada mui grande poer  
 5 eno rostr[o] e chamar-te *rapaz*  
*mui mao*; e creo que assi faz  
 boa entençon quen a quer fazer.
- Meen Rodriguiz, mui sen meu prazer  
 a farei vosc', assi Deus me perdon;  
 10 ca vos averei de chamar *cochon*  
 pois que eu a punhada receber,  
 des i trobar-vos-ei mui mal assaz;  
 e atal entençon, se a vós praz,  
 a farei vosco, mui sen meu prazer.
- 15 –Juião, pois tigo começar  
 fui, direi-t'ora o que te farei:  
 ãa punhada grande te darei,  
 des i quer[r]lei-te muitos couces dar  
 na garganta por te ferir peor,  
 20 que nunca vilão aja sabor  
 doutra tençon começo começar.
- Meen Rodriguiz, que[r]rei-m'emparrar,  
 se Deus me valha, como vos direi:  
*coteife nojoso* vos chamarei,  
 25 pois que eu a punhada recadar;  
 des i direi, pois so os couces for:  
 «Lexade-m'ora, por Nostro Senhor!»,  
 ca si se sol meu padr'a emparar.
- Juião, [e] pois que t'eu filhar  
 30 pelos cabelos e que t'arrastrar,  
 aqueles couces te porregerei!
- Meen Rodriguiz, se m'eu trosquiar,  
 ou se me fano, ou se me crastar,  
 ai, travador, ja vos non travarei!

1 Iuy'ão B 2 entencō B entētōn V 3 et B . q̄reyte BV 5 rostre BV . trapaz V 6 maor creō B mas τ qeo V 7 entētō BV 8 spōiz V 9 dz me perdem V 10 tauos auey V 11 apunlxida V 12 t<sup>o</sup>bar uos ey V . assam V 13 et V . entēcō B entengō V . se auez B 14 men praz B . men V 15 comezar B começar V 18 q̄reyte B q̄reyte V . muy toz couce9 B muētos toues V 19 Ina V 20 nuca V 21 truotra V . comezar B . cometar V 22 q̄reym B q̄roym V 23 se se B . como ua V 24 coreyfe BV 25 retadar B retadu V 26 soaz coutesfor B 27 n̄po V 28 cā asy B ca asy V 29 Iuy'as B Jup'ao V . ceu B 30 pedes tabe lez r̄q̄ cassastrar B palos tabelam τ q̄ tassastrar V 31 e a q̄ des B a q̄ dos V . cougas V . te possetrerey B te pessegēgey V 32 Meã rroiz semen t̄rosq'ar B Mene spōiz so meu t̄pōs dar V 33 ou some fano V . c<sup>a</sup>rostar B . q̄ostar V 34 iaeu9 B imes V . tarue'y B tañoy V

1 Juyãō V . q̄ro BV . faz' BV 2 q'se res B q'seres V . hũa BV 3 τ V . p'meyra razō BV 4 hũa BV . muy B . grãde B grã de V 5 rrapaz 6 muy B . q̄ assy BV 7 q̄na BV . faz' B fãz V 8 r rōiz B . muy BV . praz' BV 9 afarey B a farey V . uoscassy B uos cassy V . ds me p̄dom B 10 cauos aue'y de chamarco chō B 11 poys q̄ eu BV 12 desy BV . t<sup>o</sup>bar uos ey B . muy BV 13 τ B . auos V . p<sup>a</sup>z B p̄z V 14 afarey B a farey V . uosco BV . muy BV . prãz V 15 Iuyãō B Juyãō V . poys BV 16 fuy B . direytora B dyreytora V . oq̄ B o q̄ V . farey BV 17 hũa BV . grãde V . darey BV 18 desy BV 19 g<sup>a</sup>ganta BV 20 q̄ BV . nũca B . uylãō BV . aia BV 21 tençō B 22 rroiz BV . enparar BV 23 ds me ualha BV . u9 B . dyrey BV 24 noioso uos chamarey BV 25 poys B Poys V . q̄ BV 26 desy direy BV . couçes V 27 p<sup>r</sup> BV . n̄o B . sen' BV 28 enparar BV 29 q̄ BV 30 τ q̄ V 32 rroiz B 34 ay BV . t<sup>o</sup>uador B t̄uador V . nō BV

## BIBLIOGRAFIA

- Acevedo Huelves, Bernardo-Fernández y Fernández, Marcelino (1932): *Vocabulario del bable de occidente*. Madrid; in A. Santamarina (coord.): *Diccionario de diccionarios*. [A Coruña:] Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2003; in RILG: *Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Arias Freixedo, X. Bieito-Rodríguez Guerra, Alexandre (eds.) (2009-): *Locus Criticus. Crítica textual en rede* [em linha]. Vigo: Universidade de Vigo. <https://webs.uvigo.es/locuscriticus>.
- Braga, Theophilo (ed.) (1878): *Cancioneiro Portugues da Vaticana...* Lisboa: Imprensa Nacional.
- CMGP = Lopes, Graça Videira-Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-): *Cantigas Medievais Galego Portuguesas*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais. FCSH/NOVA. <http://cantigas.fcsh.unl.pt>.
- Cohen, Rip (2010): «Juião Bolseiro, quero contigo fazer», in X. B. Arias Freixedo-A. Rodríguez Guerra (eds.) (2009-): *Locus Criticus. Crítica textual en rede* [em linha] 7 (2º trimestre 2010). Vigo: Universidade de Vigo. <https://webs.uvigo.es/locuscriticus/?p=209>.

- Corominas, Joan-Pascual, José Antonio (1980-1991): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 6 vols.
- Corpus Xelmírez-Corpus lingüístico da Galicia medieval*. <http://sli.uvigo.es/xelmirez/>.
- Correia, Ângela (2010): «Juião Bolseiro, quero contigo fazer», in X. B. Arias Freixedo-A. Rodríguez Guerra (eds.) (2009-): *Locus Criticus. Crítica textual en rede* [em linha] 7 (2º trimestre 2010). Vigo: Universidade de Vigo. <https://webs.uvigo.es/locuscriticus/?p=209>.
- Correia, Ângela (2011): «A tenção entre Mem Rodrigues Tenoiro e Juião Bolseiro: cumplicidade na oposição», *Românica* 20, pp. 21-28.
- D'heur, Jean-Marie (1974): «Sur la tradition manuscrite des chansonniers galiciens-portugais. Contribution à la *Bibliographie Générale* et au *Corpus* des troubadours», *Arquivos do Centro Cultural Português* 8, pp. 3-100.
- DRAE = Real Academia Española: *Diccionario de la Real Academia Española* [ed. 22, em linha]. <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>.
- Ferrari, Anna (1979): «Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese della Biblioteca Nazionale di Lisbona (Cod. 10991: Colocci-Brancuti)», *Arquivos do Centro Cultural Português* 14, pp. 27-142.
- Ferrari, Anna (1993a): «Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)», in G. Lanciani-G. Tavani (coords.): *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 119-123.
- Ferrari, Anna (1993b): «Cancioneiro da Biblioteca Vaticana», in G. Lanciani-G. Tavani (coords.): *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 123-126.
- Ferrari, Anna (2010): «Perché non possiamo non dirci eterotopici ed eteronomici», in M. Arbor Aldea-A. F. Guiadanes (eds.): *Estudos de edición crítica e lírica galego-portuguesa*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo* 67), pp. 103-113.
- Ferreiro, Manuel-Carlos Paulo Martínez Pereiro-Laura Tato Fontáina (2007): *Normas de edición para a poesía trobadoresca galego-portuguesa medieval*. A Coruña: Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións. <http://www.udc.es/publicaciones/documentos/biblioteca/NormaEdicionPoesiaTF.pdf>.
- Foruvières, Xavier de (1902): *Lou pichot tresor, dictionnaire provençal-français et français-provençal avec la collaboration de son confrère le R. P. Rupert*. Avignon: Aubanel Frères Éditeurs, Librairie J. Roumanille.
- Franco Grande, Xosé Luís (1972): *Diccionario galego-castelán*. Vigo: Galaxia, 2ª ed.; in A. Santamarina (coord.): *Diccionario de diccionarios*. [A Coruña:] Fun-

- dación Pedro Barrié de la Maza, 2003; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Fritz, Jean-Marie (1992): *Le discours du fou au Moyen Age. XII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècles. Étude comparée des discours littéraire, médical, juridique et théologique de la folie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Gaffiot, Félix (1934): *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Hachette.
- García, Constantino (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 27*); in A. Santamarina (coord.): *Diccionario de diccionarios*. [A Coruña:] Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2003; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Godefroy, Frédéric (1889): *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ces dialectes du IX<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*. Paris: F. Vieweg, Libraire Éditeur, t. 6.
- Gonçalves, Elsa (1976): «La Tavola Colocciana. *Autori Portughesi*», *Arquivos do Centro Cultural Português* 10, pp. 387-448.
- Gonçalves, Elsa (1993): «Tradição manuscrita da poesia lírica», in G. Lanciani-G. Tavani (coords.): *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 627-632.
- Gonçalves, Elsa (2007): «Sobre a tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa: conjecturas e contrariedades», *eHumanista* 8, pp. 1-27.  
[http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume\\_08/articles/1%20Elsa%20Goncalves%20Article.pdf](http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_08/articles/1%20Elsa%20Goncalves%20Article.pdf).
- González, Déborah (2012): «As *tensos* de Paai Soarez de Taveiros. Edición e estudo de B142 e B144», *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 39, pp. 248-274.
- González, Déborah (2013): «*Esta cantiga fez Pero Velho de Taveiros e Paai Soarez, seu irmãao...* A manciña indicadora no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (códice 10991)», *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos* 2, pp. 31-60.
- Heers, Jacques (1983): *Fêtes de fous et carnivals*. Paris: Fayard.
- Lang, Henry (1908): «Zum Cancioneiro da Ajuda», *Zeitschrift für Romanische Philologie* 33, pp. 129-160, 290-311, 385-399.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1970): «Vocabulário Galego-Português. Extraído da edición crítica das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*», *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Vigo: Galaxia; in E. González Seoane (dir.): *Diccionario de Diccionarios do galego medieval* [ed. CD-ROM; versión electrónica 1.0]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 57*), 2006; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.

- Lapa, Manuel Rodrigues (1995): *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Vigo: Ir Indo. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Lopes, Graça Videira (2002): *Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses*. Lisboa: Estampa.
- López Ferreiro, Antonio [1901]: *Galicia Histórica. Colección diplomática*. Santiago: Tipografía Galaica; in *Corpus Xelmírez-Corpus lingüístico da Galicia medieval*. <http://sli.uvigo.es/xelmirez/>.
- Lorenzo, Ramón (1968): *Sobre cronologia do vocabulário galego-português*. Vigo: Galaxia; in E. González Seoane (dir.): *Dicionario de Dicionarios do galego medieval* [ed. CD-ROM; versão eletrônica 1.0]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 57*), 2006; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Lorenzo, Ramón (1977): *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla. Edición Crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario*. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo», vol. 2; in E. González Seoane (dir.): *Dicionario de Dicionarios do galego medieval* [ed. CD-ROM; versão eletrônica 1.0]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 57*), 2006; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Machado, Elza Paxeco-José Pedro MACHADO (1950): *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti*. Lisboa: Edição da *Revista de Portugal*, vol. 2.
- MedDB2 = BREA, Mercedes (dir.), *Base de datos da Lírica Profana Galego-Portuguesa. Versión 2.3.3 Agosto de 2012*. <http://www.cirp.es>.
- Mettmann, Walter (1972): «Glossário», *Cantigas de Santa María de Afonso X, o Sábio*. Coimbra: Universidade, vol. IV; in E. González Seoane (dir.): *Dicionario de Dicionarios do galego medieval* [ed. CD-ROM; versão eletrônica 1.0]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 57*), 2006; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Mettmann, Walter (1986-1989): Alfonso X, *Cantigas de Santa Maria*. Madrid, Castalia, 3 vols.
- Michaëlis, Carolina (1990): *Cancioneiro da Ajuda. Edição crítica e commentada por –*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2 vols. [reimpressão de Halle A. S.: Max Nemeyer, 1904].

- Michaëlis, Carolina (2004): *Glosas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português de Carolina Michaëlis de Vasconcelos* [ed. a cargo de Y. Frateschi Vieira, J. L. Rodríguez, M. I. Morán Cabanas, J. A. Souto Cabo]. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Monaci, Ernesto (1875): *Il Canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana*. Halle A. S.: Max Niemeyer Editore.
- Nunes, José Joaquim (1928): «Glossário», *Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses*. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol. III, pp. 577-704; in E. González Seoane (dir.): *Dicionario de Dicionarios do galego medieval* [ed. CD-ROM; versão eletrônica 1.0]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 57*), 2006; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Parker, Kevin M. (1958): *Vocabulario de la Crónica Troyana*. Salamanca: Universidad; in E. González Seoane (dir.): *Dicionario de Dicionarios do galego medieval* [ed. CD-ROM; versão eletrônica 1.0]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (*Verba. Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 57*), 2006; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Reali, Erilde (1964): *Le cantigas di Juyão Bolseyro*. Napoli: Istituto Universitario Orientale.
- Rodríguez González, Eladio (1958-1961): *Diccionario enciclopédico gallego-castellano*. Vigo: Galaxia; in A. Santamarina (coord.): *Diccionario de dicionarios*. [A Coruña:] Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2003; in *RILG: Recursos integrados da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/RILG>.
- Sánchez-Prieto Borja, Pedro (ed.) (2003): Alfonso X, *Libro de las formas y de las ymágenes*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares; in Real Academia Española: *CORDE. Corpus diacrónico del español*. <http://www.rae.es>.
- Silva, Manuel Álvaro Ferreira da (1993): *A Tenção Galego-Portuguesa: Estudo de um Género e Edição dos Textos*. Lisboa: Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa Medieval. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [inérita].
- Souto Cabo, José Antonio (2012): «En Santiago, seend' albergado en mia pousada. Nótulas trovadorescas compostelanas», *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 39, pp. 273-298.
- Tavani, Giuseppe (1969): *Poesia del Duecento nella Penisola Iberica*. Roma, Edizioni dell'Ateneo.
- Tavani, Giuseppe (1988): *Ensaio portugueses. Filologia e Linguística*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Tavani, Giuseppe (2002): *Tra Galizia e Provenza: Saggi sulla poesia medievale galego-portoghese*. Roma: Carocci Editore.
- Tavani, Giuseppe (2008): «As apostilas de colación no Cancioneiro Portugués da Vaticana (Vat. Lat. 4803)», in F. Fernández Rei-X. M. Crego García-R. López Fernández-X. Vázquez López (eds.): *A semente da nación soñada: Homenaxe a X. L. Méndez Ferrín*. Santiago de Compostela-Vigo: Sotelo Blanco-Xerais, pp. 401-407.
- Tilander, Gunnar (1959): *O uso de rapar a cabeza aos delinquentes e aos loucos*. Stockholm: [Almqvist & Wiksell].